

# FILOSOFIA

COM

**VIVIANNE  
CATOLÉ**

Coruja é a ave soberana da noite. Para muitos povos a coruja significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não veem.

A coruja simboliza a reflexão, o conhecimento racional e intuitivo. Na mitologia grega, Athena, a deusa da sabedoria, tinha a coruja como símbolo. A palavra inglesa para definir coruja é owl.

Os gregos consideravam a noite o momento propício para o filosófico. Pela sua característica de animal notívago (pelo nome usado pelos gregos como símbolo da busca pelo conhecimento).

Havia uma tradição que dizia que quem conversava com os dons de previsão e clarividências, morria.

Enquanto todos dormem a coruja é vigilante e atenta aos barulhos. Em muitas culturas uma poderosa e poderosa e preta.

A coruja tem a particularidade de observar algo ao menor movimento. As corujas são exímias caçadoras.

uma das  
coruja-buraqueira, que tem esse nome porqu  
vezes a coruja-buraqueira utiliza



CURSO  
**FERNANDA PESSOA**  
ONLINE

**FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA:  
WALTER BENJAMIN  
E HERBERT MARCUSE**

# FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

## – WALTER BENJAMIN E HERBERT MARCUSE

### WALTER BENJAMIN (1892-1940)



*“A obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida”. Walter Benjamin*

Walter Benjamin foi um filósofo, crítico literário, ensaísta e sociólogo alemão (de ascendência judaica) da primeira metade do século XX. Se destacou nas áreas de Literatura e Filosofia da História. É considerado um dos principais filósofos marxistas do século XX. Com a perseguição nazista à comunistas e judeus em território alemão, se refugiou na Itália entre 1934 e 1935 e chegou a ser preso na França, em 1939;

### Arte na era de sua reprodutibilidade técnica (1955)

A produção artística é rodeada por uma “aura”, que simboliza a singularidade da própria obra. Na reprodução técnica ocorre o contrário, a obra é, na verdade, produzida

em série, feita para o consumo rápido e transitório e por não ser mais “dependente” da finalidade ritualística, ela começa a ser mais exposta. Dessa forma, quanto maior for a popularidade da obra – quanto mais ela for vista – maior será o seu valor. Outro aspecto importante que Walter Benjamin destaca em suas ideias é a questão da **perda aura**. Para ele, estas obras reproduzidas acabam perdendo sua aura, ou seja, ocorre a perda da essência do aqui e do agora, do seu individualismo como obra de arte.

Indo ainda mais longe, o filósofo da Escola de Frankfurt diz que, com a industrialização ocorre a construção de uma segunda natureza. Se antes a magia e a religião educavam o homem para lidar com sua natureza, agora esta outra forma de produzir vai educar os indivíduos para se relacionarem com um mundo artificial.

Para Benjamin, tudo isso, visto como algo negativo por outros filósofos, na verdade tem lá seus pontos positivos. Mesmo que a reprodução técnica tire da obra sua história e autenticidade, ela aumenta as possibilidades existentes de conhecer algo novo e consegue fazer com que detalhes novos sejam acrescentadas ao original.

Isso ocorreu por conta de que a ideia da reprodutibilidade possibilitou que todos conseguissem produzir sem precisar ser, necessariamente, um profissional, mudando a relação entre autor e público e diminuindo a distância entre indivíduo e obra de arte. Para Benjamin isso é um dos pontos mais importantes da reprodução.

Essa nova era de produção faz a arte ter uma função social política, em que se quer formar ideias, rompendo, assim, com a antiga função religiosa.

Benjamin critica e, também, enxerga lados positivos na era da reprodutibilidade técnica. A aproximação, o desprendimento da função religiosa, a possibilidade de qualquer um ser autor e a forma como as obras poderiam agora chegar a lugares e pessoas diferentes eram aspectos que ele prezava.

Isso tudo serviu para a construção de uma cultura democrática, em que todas as pessoas poderiam ter

acesso àquilo, sem restrições quanto a classes sociais, por exemplo.

Porém, o filósofo também critica. Mesmo a reprodução ter dado possibilidades revolucionárias, trouxe outras formas de se alienar. A reprodução – em especial o cinema – fez com que um novo culto aparecesse. O culto à personalidade. Com isso, ideias fúteis aparecem na sociedade, transformando experiências em fatores sem importância ou significado.

## HERBERT MARCUSE (1898-1979)

*“Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento, roupa, a produção irresistível da indústria de diversão e informação, trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais, que prendem os consumidores aos produtos. Os produtos doutrina, manipulam, promovem uma falsa consciência. Estando tais produtos à disposição de maior número de indivíduos e classes sociais, a doutrinação deixa de ser publicidade para tornar-se um estilo de vida” (Marcuse, 1982, p.31 e 32).*

Herbert Marcuse nasceu no dia 19 de julho de 1898, em Berlim, Alemanha. Foi um filósofo e sociólogo representante da Escola de Frankfurt, famoso por obras como Eros e Civilização e O Homem Unidimensional. Uma das características mais marcantes nos escritos de Marcuse é a tentativa de “vincular a filosofia à luta política”. Marcuse morreu em Munique em 1979.

Do pensamento de Freud (psicanálise), Marcuse absorve a tese de que a sociedade se fundamenta na repressão dos instintos individuais -em particular pela substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade. Para sobreviver, o homem troca a satisfação imediata de suas necessidades por uma satisfação postergada: **o jogo cede lugar ao trabalho, a liberdade cede lugar à segurança. A repressão é o princípio que instaura a civilização.**

Mas, enquanto para Freud essa repressão era inerente a toda civilização, para Marcuse a repressão é historicamente determinada. Na sua opinião, o progresso técnico sob o capitalismo criaria as condições para a libertação do indivíduo em relação ao trabalho, permitindo a emergência de uma sociedade não-repressiva, fundada no princípio do prazer.

O problema para Marcuse era que o proletariado -o agente dessa transformação, segundo o marxismo- estava totalmente integrado à sociedade industrial. Por isso concentrava suas esperanças revolucionárias nos setores não-integrados, como os marginalizados, os

desempregados -e os estudantes. Daí sua influência nos acontecimentos de 1968.

## A ideologia da sociedade industrial – o homem unidimensional” (1964)

O homem unidimensional, para Marcuse, refere-se principalmente a um modo de vida condizente com o capitalismo vigente e também se expande de forma consensual e com grande tendência totalizante pelo tecido social: de um lado, esse "homem" faz avançar os pressupostos do mercado pelo território econômico, social, político, cultural, científico, tecnológico etc. De outro, avança ainda pelo território subjetivo, notadamente pela produção do desejo inconsciente. Daí que essa "unidimensionalidade" está atualmente pelos quatro cantos do planeta: ela está praticamente em todos os lugares e em lugar algum.

O filósofo ainda defende que o avanço da unidimensionalidade ocorre não às escondidas, mas à luz do dia, sobretudo, por um trabalho de retransmissão social peculiar: através da rede de instituições sociais. Tal rede, afora "retransmitir" a ideologia que tece "maquiagem" entre as "**necessidades básicas**" e as "**necessidades não básicas**", agora, visando a hegemonia mais totalizante, transmite um modelo que se inicia a partir da vida simbólica ou de uma produção da subjetividade que interfere em um ponto mais "visceral" para o indivíduo: **sua produção de desejo inconsciente.**

## A sociedade unidimensional

1. Sociedade globalizada e da tecnologia avançada, responsáveis por manter o trabalho alienado e exercer um controle poderoso sobre os diferentes indivíduos (domínio totalizante);
2. “Formas suaves” de se exercer o poder a partir dos pressupostos básicos do mercado para que tudo e todos se transformem em mercadorias, se tornando a base para uma racionalidade hegemônica.
3. Aliança com a cultura e a arte: aliadas em prol do comércio e do comercial (Indústria Cultural), assim, fazem com que o homem se identifique (subjetividade) apenas com as mercadorias/marcas, contribuindo para perderem seu potencial protagonista e revolucionário (“naturalização” dos fatos).